

As exportações gaúchas no primeiro quadrimestre de 2003

Teresinha da Silva Bello*

Economista da FEE.

Resumo

O presente texto analisa as exportações do Rio Grande do Sul no primeiro quadrimestre de 2003. Na primeira parte, apresenta-se um quadro geral, onde são vistas as exportações por fator agregado, o comportamento da taxa de câmbio e suas implicações sobre as vendas externas do Estado, bem como os principais incentivos e dificuldades às exportações registrados no período em análise. Na segunda parte, são comentadas as exportações dos principais produtos: calçados; complexo soja; fumo; complexo carnes; máquinas e caldeiras; veículos, automóveis, tratores e suas partes e acessórios; produtos petroquímicos; couros; e móveis. Por último, são feitas algumas considerações finais.

Palavras-chave

Rio Grande do Sul; exportações; câmbio.

Abstract

The exports of Rio Grande do Sul in the first quadrimester of 2003 are analyzed. In the first part, a general overview is presented, showing the exports per aggregated factor, the behavior of the exchange rate and its implications on the State's foreign sales, and the main incentives and difficulties to export registered in the analyzed period. In the second part, comments are made upon the main product

* A autora agradece aos colegas Sônia U. Teruchkin e Álvaro Antônio L. Garcia pelas observações feitas à versão preliminar deste artigo e ao estagiário Denilson Alencastro pela confecção das tabelas.

exports: shoes, soybean complex, tobacco, meat complex, machines and boilers, vehicles, automobiles, tractors and their parts and accessories, petrochemicals, leather and furniture. Last, some final considerations are made.

**Os originais deste artigo foram recebidos
por esta Editoria em 16.06.03.**

Quadro geral

Seguindo a tendência brasileira, as exportações do Rio Grande do Sul entre janeiro e abril de 2003 apresentaram um desempenho bastante positivo, com um crescimento de 29,50% em suas receitas — contra os 25,55% de aumento das exportações brasileiras — e uma participação de 9,99% no total exportado pelo País. E a tendência é de que o mercado gaúcho mantenha uma taxa de aumento de suas exportações maior do que a taxa de variação das vendas externas do Brasil, pelo menos até o final do primeiro semestre do ano, por conta da produção agrícola recorde em 2003, principalmente a de soja. Mesmo com uma taxa de crescimento de suas exportações maior que a brasileira, o Estado manteve o terceiro lugar entre os estados exportadores, ficando atrás de São Paulo e Minas Gerais.

A comparação das exportações no primeiro quadrimestre de 2003 e os do primeiro quadrimestre de 2002 apresenta essa alta taxa de crescimento, porque, à época, as vendas externas do RS, assim como as do Brasil, se ressentiam dos efeitos do atentado terrorista aos Estados Unidos, ocorrido em 11 de setembro de 2001 — que deprimiram os negócios e a economia —, e da crise que abalou a economia da Argentina a partir de 2001, agravando-se no ano passado, quando as vendas do Estado para esse país, nos primeiros meses de 2002, chegaram a registrar uma queda ao redor de 80%.

Levando-se em conta que esses dois países eram os principais parceiros comerciais para os produtos exportados pelo RS até então, é possível explicar o abalo causado nas exportações gaúchas, nos primeiros quatro meses de 2002, a partir desses dois fenômenos. Isto porque, embora os fatores desencadeantes tenham ocorrido em 2001, o comércio exterior reflete fatos de quatro, cinco meses antes, período médio entre o fechamento dos negócios e o embarque da mercadoria. E os dados relativos às exportações, disponibilizados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), referem-se a produtos efetivamente embarcados.

Já em 2003, além da desvalorização do real — ocorrida principalmente em 2002 e no início deste ano —, com efeitos estimuladores sobre as exportações,

outros fatores estão beneficiando as vendas externas do Rio Grande do Sul: o aumento das cotações internacionais dos produtos básicos, aliado à safra recorde de soja no Estado; a abertura de novos mercados, como os da China, da Índia, da Rússia e do Oriente Médio; a retomada de compradores tradicionais, como a Argentina; o incremento dos estoques de alimentos no Oriente Médio em função da expectativa da guerra no Iraque — iniciada apenas no dia 20 de março, mas anunciada com meses de antecedência.

Exportações por fator agregado

Por conta da excelente safra de soja — recorde em quantidade e com boa qualidade — e da elevação nos preços de vários produtos agrícolas no mercado internacional, a participação dos produtos básicos nas exportações do Estado, nos primeiros quatro meses de 2003, elevou-se para 27,04% contra os 22,24% observados no mesmo período de 2002, registrando um crescimento de 57,44% no valor exportado, conforme a Tabela 1.

Tabela 1

Valor e participação das exportações, por fator agregado,
do Rio Grande do Sul — jan.-abr./02 e jan.-abr./03

DISCRIMINAÇÃO	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	Jan.-Abr./02 (US\$ 1 000 FOB)	Jan.-Abr./03 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	Jan.-Abr./02	Jan.-Abr./03
Básicos	356 065	560 572	57,44	22,24	27,04
Industrializados (A + B)	1 225 256	1 482 361	20,98	76,53	71,50
Semimanufatura- dos (A)	191 154	269 173	40,81	11,94	12,98
Manufaturados (B)	1 034 103	1 213 188	17,32	64,59	58,51
Operações espe- ciais	19 650	30 372	54,56	1,23	1,46
TOTAL	1 600 971	2 073 305	29,50	100,00	100,00

FONTE: Secex.

Desde a crise asiática em 1997, os preços das *commodities*, especialmente as agrícolas, estavam em níveis historicamente baixos nos mercados internacionais. A partir de 2001, porém, o aumento na procura por essas mercadorias vem sendo maior que a oferta, pois o crescimento de sua produção não vem acompanhando a evolução da demanda, mesmo diante de um desaquecimento da economia mundial. No segundo semestre de 2002, o fenômeno climático El Niño afetou a produção agrícola. Com isso, os estoques reduziram-se, e os preços recuperaram-se. Assim, as cotações internacionais dos grãos têm resistido ao esfriamento da economia nos países ricos graças à queda da produção de grãos nos Estados Unidos e à presença do mercado consumidor chinês.

Para 2003, o relatório **Perspectivas da Economia Mundial**, elaborado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), prevê um aumento pouco superior a 9% no preço das *commodities* e afirma que o resultado só não será melhor por causa dos bilionários subsídios norte-americanos à agricultura e da provável melhora nas condições climáticas, com a diminuição do fenômeno El Niño. Assim, na visão dos especialistas, em 2004 os preços agrícolas deverão desacelerar-se novamente.

Já os produtos industrializados (semimanufaturados mais manufaturados) perderam participação devido ao desempenho mais modesto dos manufaturados em comparação com os demais. Os semimanufaturados, muitos deles ligados à agricultura, tiveram seu desempenho favorecido seja pelo aumento da quantidade embarcada, seja pelo incremento nos preços, ou por ambos os fatores. Os manufaturados, embora tenham tido um aumento de 17,32% nas suas receitas de exportação, ficaram abaixo da taxa de crescimento total das vendas externas do Estado. Conseqüentemente, sua participação caiu de 64,59% no período de janeiro a abril de 2002 para 58,51% nos primeiros quatro meses de 2003. O aumento nas vendas de produtos industrializados reflete, em parte, o incremento nas vendas para a Argentina, que, neste ano, estão sendo retomadas. Além disso, fatores internos, como a grande desvalorização do real em 2002 e no começo de 2003, contribuíram para o aumento das exportações de manufaturados pelo Estado.

Câmbio

A desvalorização do câmbio no ano passado foi um fator decisivo para o aumento das exportações do Estado nos primeiros quatro meses de 2003. Até o final de julho de 2002, o dólar esteve cotado em níveis inferiores a R\$ 3,00. A

partir daí, a moeda norte-americana entrou em forte valorização frente ao real, tendo atingido o pico de R\$ 3,98 em 10 de outubro de 2002, às vésperas da eleição presidencial, obrigando o Banco Central a intervir fortemente no mercado para conter a alta, até certo ponto, vinculada a um eventual risco político diante de uma vitória da esquerda. Mas, diante da manutenção de uma política econômica conservadora por parte do Governo eleito, atrelada à entrada de recursos, especialmente empréstimos do FMI e de curto prazo, a tendência de alta do dólar inverteu-se nesses primeiros quatro meses de 2003, levando a uma forte valorização do real. Com isso, gerou-se um receio de que uma queda muito grande do dólar poderia, potencialmente, prejudicar as exportações. Isto porque muitas empresas exportadoras estariam enfrentando dificuldades em relação à competição externa. Além disso, aumentaria o estímulo às importações, às remessas de lucros e aos demais itens deficitários da conta de serviços, onerando as Transações Correntes do Balanço de Pagamentos do Brasil.

Embora muito difundida, essa tese que afirma ser a valorização cambial prejudicial às exportações é pouco discutida, constituindo-se, na verdade, em uma moeda de duas faces. Poucos sabem que, diante de uma alta do dólar, muitos importadores externos exigem descontos dos fornecedores brasileiros, reduzindo o preço em dólares das mercadorias exportadas pelo Brasil e levando a uma deterioração nos termos de intercâmbio do País. No caso atual,

“(...) com o dólar a R\$ 3,50, os descontos exigidos pelos importadores estrangeiros o baixaram, em média, para uns R\$ 3,00 no pagamento ao exportador brasileiro. Se, porém, a transação é feita entre uma empresa localizada no Brasil e sua matriz no Exterior, o desconto é até maior. Nisso está, também, um modo de transferência de lucro. Logo, a queda do dólar não tem exatamente o efeito que lhe é atribuído sobre as exportações” (Freitas, 2003, p. A-5).

De outro lado, o câmbio está ligado ao custo de produção de muitas empresas exportadoras, já que grande parte destas se utiliza de insumos importados, e muitas dessas mercadorias foram compradas quando o dólar estava com sua cotação no alto. Nesse caso, duas situações podem ocorrer no futuro: na primeira, a valorização do real implicará menores custos de produção, desde que essas importações tenham sido feitas diretamente pelo fabricante da mercadoria a ser exportada; na segunda, no caso de existirem intermediários na transação, essa garantia já não existe, pois, quando o dólar operava em alta, os fornecedores de componentes, de matérias-primas, de equipamentos, etc., atrelados à taxa cambial, aumentaram os preços em real de seus produtos. E, até o momento, esses preços ainda não apresentam tendência de queda. Desse modo, atualmente, com o real valorizado, esses exportadores vêem-se diante de

uma elevação nos seus custos de produção aliada a um preço final incapaz de absorver o repasse desses custos, sob pena de perder clientela (Welter, 2003, p. 8).

Durante praticamente todo o primeiro quadrimestre de 2003, predominou a expectativa de valorização do câmbio, levando os empresários brasileiros a anteciparem as exportações e a adiarem as importações e, com isso, aumentando o saldo comercial do Brasil e reforçando o processo de apreciação da moeda. Também nos últimos meses, com o Risco-País mais baixo, o custo de captação no Exterior diminuiu tanto o do setor privado quanto o do Governo, fato que aumentou a perspectiva de entrada de dólares do País e pressionou para baixo a taxa cambial.

Negando o uso da taxa cambial como meio de controlar a inflação, o Governo optou por não intervir no câmbio, já que o dólar barato amenizava as pressões inflacionárias. Para conter a queda do câmbio, o Governo dispunha de vários instrumentos ortodoxos, bastando colocá-los em prática: comprar dólares e aumentar as reservas, deixar de rolar integralmente a dívida pública atrelada ao câmbio e reduzir a taxa básica de juros (Selic). Não fez qualquer uma das três e, só ao final de maio, anunciou que a rolagem de instrumentos cambiais não corresponderia a 100% do principal vencendo.¹ Com essa medida, o dólar rompeu mais uma vez a barreira dos R\$ 3,00. Isto porque empresas com compromissos externos em dólar utilizavam esses títulos como *hedge*, ou seja, como garantia contra eventuais elevações no preço do dólar. Com a diminuição do volume desse tipo de aplicação, aumentou a procura pelo dólar em si, como precaução contra variações cambiais. E, diante de um incremento na demanda pela moeda norte-americana, seu preço elevou-se, mas, alguns dias depois, já voltava a ser cotado abaixo dos R\$ 3,00.

Outro aspecto relacionado ao câmbio e a seus efeitos sobre as exportações do Estado diz respeito à valorização do euro frente ao dólar, o que vem ocorrendo desde o ano passado. Para os menos avisados, a forte valorização do euro frente ao dólar, observada nos últimos 12 meses, poderia beneficiar fortemente as exportações do Rio Grande do Sul para a Europa, já que, praticamente, se anularia a valorização do real frente à moeda norte-americana. Isto porque a maior parte das exportações gaúchas para a região do euro são de mercadorias

¹ Em março, de acordo com o Banco Central, 31,3% da dívida pública estava atrelada à variação cambial. Para o vencimento em 02 de junho, a rolagem foi de, aproximadamente, 95% do principal. Entretanto, de acordo com o Bacen: "A redução gradual do estoque de títulos cambiais e *swaps* tem como único objetivo melhorar o perfil do passivo do governo, e não estabelecer metas para a taxa de câmbio" (ROLAGEM ..., 2003).

cotadas em dólares. Entretanto, na pauta de exportações gaúchas para a União Européia, predominam os produtos básicos e semimanufaturados, tais como fumo, carne de frango, soja e derivados, celulose e couro. Grande parte deles é cotada nas Bolsas internacionais de *commodities*, e alguns desses produtos também são exportados pelos Estados Unidos para a região do euro, ou seja, igualmente se beneficiam de uma desvalorização do dólar frente à moeda européia. Além disso, *commodities* agropecuárias têm espaço limitado para tirar proveito adicional, visto que têm uma demanda inelástica. Já os manufaturados poderiam obter maiores vantagens com a valorização do euro, pois, com a queda do dólar em relação à moeda européia, esses produtos ficariam mais competitivos. Mas, dentre os manufaturados, as exportações do Estado para a União Européia detêm pequena participação, destacando-se calçados, pneus para motocicleta, condensadores e móveis de madeira. Entretanto as exportações gaúchas de calçados podem vir a ser beneficiadas em outros mercados fora da zona do euro, pois a alta da moeda européia pode afetar a competitividade internacional de concorrentes europeus (italianos, espanhóis e franceses) ao sapato brasileiro.

Incentivos e dificuldades para a exportação

Com vistas a aumentar as vendas externas do País, o Governo brasileiro tem afirmado que, neste ano, a disponibilidade de recursos para as exportações será melhor do que em 2002, quando o financiamento à exportação foi prejudicado pela dificuldade dos bancos em captarem dólares no Exterior. Dentre as medidas de incentivo às exportações tomadas pelo novo Governo, podem ser citadas a liberação de R\$ 2 bilhões do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e o aumento de 30% nos financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para exportação (Furlan, 2003, p. B-7). O Banco do Brasil (BB) também pretende aumentar para US\$ 7 bilhões (um crescimento de 25%) o volume financeiro das operações de Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC) e de Adiantamento de Contrato de Exportação (ACE), sendo que boa parte dos recursos captados no Exterior pelo BB deverá direcionar-se para as micro e pequenas empresas que desejem exportar, as quais também contarão com um programa de incentivo e assessoramento voltado para o comércio externo (Taraborelli, 2003, p. B-1).

Além de aumentar os financiamentos à exportação, o Governo também está procurando montar o que tem sido chamado de “inteligência comercial”, através da qual a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), junto com os estados, “(...) vai promover estudos para detalhar o perfil e o potencial exportador de

cada Estado, identificando novas oportunidades” (Newmann, 2003, p. F-5). Para tanto, é imprescindível montar um sistema eficiente de identificação e disseminação de oportunidades comerciais, bem como de informações referentes à legislação comercial nos países parceiros, à captação de investimentos, de tecnologia, de *marketing*, etc. Tudo isso aliado a uma política vigorosa de combate ao protecionismo, através de denúncias na Organização Mundial do Comércio (OMC).

Por outro lado, as mudanças feitas nas regras do Convênio de Crédito Recíproco (CCR) em outubro de 2002 e que poderiam estimular as vendas para a Argentina (beneficiando bastante o RS), até o momento, não foram capazes de alavancar mais negócios.² E as exportações do Brasil amparadas pelo CCR para esse país, que, no primeiro quadrimestre de 2002 totalizaram US\$ 49 milhões, nos primeiros quatro meses de 2003 foram de apenas US\$ 25 milhões (Safatle, 2003, p. A-4).

A falta de recursos do Programa de Estímulo às Exportações (Proex) também tem sido apontada por empresários como um fator que poderá dificultar o financiamento de produtos manufaturados, justamente em um momento de tendência de queda na demanda internacional por esses produtos, face à desativação da economia mundial. “O orçamento do Proex para este ano está muito aquém do necessário, devido a restos a pagar deixados pelo governo anterior.” (Furlan, 2003, p. B-7).

Entretanto a grande preocupação do setor exportador neste ano deverá ser com a falta de recuperação da economia internacional, especialmente a dos Estados Unidos e a da União Européia, os dois principais mercados de consumo

² “Em maio de 2000, o Banco Central editou a Circular nº 2.982, que restringiu a 360 dias o prazo das operações passíveis de serem amparadas pelo convênio, e exigiu o recolhimento antecipado para as importações, exceto as até US\$ 100 mil, vindas dos países do Mercosul ampliado (mais Bolívia e Chile) (...). A Circular nº 3.158 elevou o valor das importações livres do recolhimento antecipado para até US\$ 200 mil para a Argentina e permitiu o curso de operações de importações e exportações daquele país com prazo superior a 360 dias, no sistema de reembolso não automático. Ou seja, o pagamento aos exportadores brasileiros só ocorre após o recebimento, pelo Banco Central, da liquidação das compensações multilaterais a cada quatro meses. Com isso, o BC ficou livre do risco de inadimplência de outros países. Esses novos parâmetros foram, logo depois, estendidos para os demais países participantes do CCR (...). Só que as empresas exportadoras perderam a garantia de reembolso automático pelo BC caso haja ‘calote’ — ou seja, o risco saiu das mãos do Banco Central, e esse era o objetivo da instituição. As exportadoras foram induzidas a buscarem seguro junto à Sociedade Brasileira de Crédito à Exportação (SBCE) contra riscos políticos, mas com substancial redução dos prêmios, garantem os especialistas do Governo. Ainda assim, os resultados de outubro de 2002 para cá não permitem dizer que a flexibilização do CCR fez diferença no comércio da região, até porque outros países continuam impondo restrições ao uso do convênio (a própria Argentina, o Peru e o Chile)” (Safatle, 2003, p. A-4).

dos produtos brasileiros e gaúchos. Se essas economias não apresentarem um melhor desempenho, as vendas para essas regiões poderão estagnar e até mesmo diminuir em um futuro não muito distante.

Exportações dos principais produtos

Calçados

O Capítulo 64 da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) continuou liderando as exportações gaúchas no primeiro quadrimestre de 2003, tendo, porém, registrado uma queda de 1,00% em relação a igual período de 2002, e sua participação nas vendas externas do Estado foi de apenas 18,75% contra os 24,53% registrados de janeiro a abril do ano passado, conforme a Tabela 2. Tal resultado já era esperado pelos calçadistas desde o início do ano, tendo em vista o declínio mundial no consumo de calçados, especialmente nos Estados Unidos, o maior importador desse produto do RS, com uma participação de 70,03% nas vendas gaúchas de calçados no período em análise (Tabela 3). Afora isso, os embarques também refletiram as incertezas naquele país sobre a guerra no Iraque, que só ocorreu no final de março e durou apenas um mês, mas já era esperada há mais tempo. Assim, dada a defasagem entre o período de encomendas e o embarque da mercadoria, que, nesse caso, gira em torno de um a dois meses, pode-se concluir que as exportações até abril são fruto de negócios fechados no período que antecedeu o conflito. Mas a maior queda, dentre os principais importadores de calçado gaúcho, ficou com o Reino Unido, cujas compras de calçados provenientes do RS caíram 22,50% nos primeiros quatro meses de 2003.

Por outro lado, as vendas de sapatos do Estado para a Argentina e para países da União Européia regidas pelo euro elevaram-se bastante; no caso da Argentina, devido aos sinais de recuperação que vêm sendo dados por aquela economia. Entretanto, mesmo se esperando um bom incremento nas vendas para aquele mercado neste ano e mais ainda no próximo, é pouco provável que seja retomado o nível alcançado em 2001, pelo simples motivo de que há dois anos a relação peso/dólar era de 1/1 e atualmente está em torno de 2,8/1. Ou seja, se um par de sapatos exportado por US\$ 10 custava 10 pesos, atualmente está em torno de 28 pesos. Já na chamada “eurolândia”, a valorização do euro frente ao dólar facilita a aquisição de produtos cotados na moeda norte-americana, como é o caso do calçado brasileiro.

Para o segundo semestre, a valorização do real, aliada ao aumento no custo das matérias-primas utilizadas pelo setor, está preocupando a indústria calçadista, já que poderia haver perda de rentabilidade das exportações. Isto porque os preços dos insumos dolarizados se elevaram no final de 2002, acompanhando a desvalorização da moeda brasileira, mas não recuaram com a sua recuperação, reduzindo os ganhos em reais dos exportadores. Assim, as indústrias teriam que aumentar seus preços de venda em dólares para manterem seus ganhos, mas tal medida lhes retiraria competitividade.

Tabela 2

Valor e participação das exportações, por capítulos da NCM,
do Rio Grande do Sul — jan.-abr./02 e jan.-abr./03

CAPÍTULOS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2002 (US\$ 1 000 FOB)	2003 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2002	2003
64 Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes	392 671	388 743	-1,00	24,53	18,75
24 Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	151 477	226 185	49,32	9,46	10,91
84 Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	143 084	202 180	41,30	8,94	9,75
02 Carnes e miudezas, comestíveis	125 858	186 208	47,95	7,86	8,98
41 Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros	89 192	114 126	27,95	5,57	5,50
87 Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios	104 251	112 106	7,54	6,51	5,41
39 Plásticos e suas obras ...	62 230	104 216	67,47	3,89	5,03
29 Produtos químicos orgânicos	30 448	59 204	94,44	1,90	2,86
12 Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	874	57 565	6 485,07	0,05	2,78
15 Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	28 819	54 393	88,74	1,80	2,62

(continua)

Tabela 2

Valor e participação das exportações, por capítulos da NCM,
do Rio Grande do Sul — jan.-abr./02 e jan.-abr./03

CAPÍTULOS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2002 (US\$ 1 000 FOB)	2003 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2002	2003
23 Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	41 457	54 286	30,94	2,59	2,62
40 Borracha e suas obras ...	34 211	52 096	52,28	2,14	2,51
94 Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	40 212	49 604	23,36	2,51	2,39
44 Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	32 678	39 083	19,60	2,04	1,89
85 Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc.	24 757	33 205	34,12	1,55	1,60
47 Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc.	23 235	31 781	36,78	1,45	1,53
99 Transações especiais	19 650	30 373	54,57	1,23	1,46
82 Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc., de metais comuns	20 846	18 772	-9,95	1,30	0,91
16 Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	17 230	17 570	1,97	1,08	0,85
38 Produtos diversos das indústrias químicas	19 797	16 137	-18,48	1,24	0,78
71 Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc.	11 359	14 736	29,73	0,71	0,71
73 Obras de ferro fundido, ferro ou aço	14 112	14 154	0,30	0,88	0,68
Subtotal	1 428 448	1 876 723	31,38	89,22	90,52
Outros	172 523	196 582	13,95	10,78	9,48
TOTAL	1 600 971	2 073 305	29,50	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 3

Participação percentual do destino nos principais produtos exportados
pelo RS — 1º quadrimestre de 2002 e de 2003

PRODUTOS E DESTINO	2002	2003
Calçados	100,00	100,00
Estados Unidos	72,28	70,03
Reino Unido	6,71	5,25
Canadá	2,47	2,54
México	2,30	2,26
Argentina	0,79	1,95
Alemanha	1,46	1,78
Espanha	0,72	1,61
Soja em grãos	100,00	100,00
Espanha	0,00	39,88
China	0,00	24,59
Taiwan (Formosa)	0,00	21,08
Tailândia	0,00	9,24
Farelo de soja	100,00	100,00
Espanha	34,33	23,40
Tailândia	0,00	12,94
Itália	12,45	12,64
Polônia	0,00	11,30
Arábia Saudita	0,00	10,06
Romênia	17,04	9,32
Óleo de soja	100,00	100,00
Irã	92,06	87,92
China	0,00	6,08
Senegal	0,00	3,72
Índia	4,07	2,28
Carnes	100,00	100,00
Rússia	8,35	33,34
Arábia Saudita	11,02	14,62
Reino Unido	13,26	11,98
Países Baixos (Holanda)	9,66	11,28
Alemanha	1,64	8,48
Carne de Aves	100,00	100,00
Rússia	10,30	16,08
Arábia Saudita	12,07	14,01

(continua)

Tabela 3

Participação percentual do destino nos principais produtos exportados
pelo RS — 1º quadrimestre de 2002 e de 2003

PRODUTOS E DESTINO	2002	2003
Reino Unido	14,19	9,52
Países Baixos (Holanda)	9,53	8,31
Alemanha	1,52	8,13
Outras Carnes	100,00	100,00
Rússia	0,33	39,07
Hong Kong	9,84	8,45
Países Baixos (Holanda)	7,26	5,50
Reino Unido	8,99	5,19
Estados Unidos	8,84	5,15
Fumo	100,00	100,00
Estados Unidos	17,45	22,87
Alemanha	15,79	11,21
Turquia	5,00	10,90
Rússia	8,47	6,93
Países Baixos (Holanda)	4,83	6,65
Couros	100,00	100,00
Itália	19,65	23,83
Hong Kong	15,72	17,66
Estados Unidos	22,13	14,10
China	10,89	10,24
Cingapura	3,85	6,12
Produtos petroquímicos	100,00	100,00
Argentina	14,66	32,91
Chile	16,22	14,94
Bélgica	4,43	6,44
Uruguai	5,59	4,87
China	11,59	4,27
Motores a diesel	100,00	100,00
Estados Unidos	99,52	95,58
México	0,48	4,38
Uruguai	0,00	0,03
Móveis	100,00	100,00
Estados Unidos	32,64	29,61
Reino Unido	14,64	20,37
Chile	4,88	4,37
França	6,78	4,12

(continua)

Tabela 3

Participação percentual do destino nos principais produtos exportados
pelo RS — 1º quadrimestre de 2002 e de 2003

PRODUTOS E DESTINO	2002	2003
Produtos químicos orgânicos	100,00	100,00
Estados Unidos	45,55	55,70
Argentina	25,87	27,15
Países Baixos (Holanda)	8,83	7,55
Israel	9,77	2,62
Borracha e suas obras	100,00	100,00
Estados Unidos	24,58	20,24
Itália	13,62	12,36
Argentina	3,57	11,52
Japão	5,02	7,15
Alemanha	8,68	6,66
Carrocerias	100,00	100,00
México	64,58	34,14
Chile	13,06	24,84
África do Sul	10,07	24,47
Madeira e suas obras	100,00	100,00
Estados Unidos	42,67	53,21
Japão	37,44	29,97
Itália	3,36	4,39
Marrocos	3,81	2,13
Tratores	100,00	100,00
Argentina	0,17	24,66
Estados Unidos	30,37	23,27
África Do Sul	0,90	10,50
Colômbia	6,72	7,52
Pastas de madeira	100,00	100,00
Itália	24,12	18,54
Bélgica	30,45	18,13
China	2,44	16,19
Coréia do Sul	8,17	9,17
Ferramentas e artefatos de cutelaria	100,00	100,00
Estados Unidos	18,21	17,76
México	16,10	12,40
Argentina	0,98	4,60
Chile	5,41	3,99

(continua)

Tabela 3

Participação percentual do destino nos principais produtos exportados pelo RS — 1º quadrimestre de 2002 e de 2003

PRODUTOS E DESTINO	2002	2003
Armas, munições e acessórios	100,00	100,00
Estados Unidos	73,21	75,83
Cingapura	10,25	9,45
Îemen	2,78	1,98
Nicarágua	0,69	1,69
Ônibus	100,00	100,00
Emirados Árabes Unidos	5,43	30,73
Chile	2,16	23,66
Costa Rica	1,58	15,28
El Salvador	0,78	12,79
Máquinas e aparelhos para co-		
lheita	100,00	100,00
Argentina	5,93	43,55
Paraguai	21,22	18,07
Bolívia	6,80	6,17
Alemanha	3,44	5,98
Itália	4,06	5,62
Polônia	2,68	5,23

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Complexo soja

O complexo soja (grão, farelo e óleo), no Rio Grande do Sul, registrou um aumento de 144,37% em suas vendas ao Exterior no primeiro quadrimestre de 2003 em comparação com os primeiros quatro meses de 2002. Além do forte aumento no preço da soja e seus derivados no mercado internacional, a suspensão no embarque do grão observada no início de 2002 fez com que a base de cálculo para a variação no crescimento ficasse muito baixa em 2003 (Tabela 4). Nos primeiros meses do ano passado, houve um atraso na comercialização da soja gaúcha, especialmente na do grão. Tal fato ocorreu devido à instabilidade cambial decorrente da valorização do real frente a moedas como o euro e o iene (B. Funcex Com. Ext., 2003; 2003a) e também pela dúvida se a China iria, ou não, exigir certificação para o produto.

Tradicionalmente, o maior volume nos embarques de soja costuma ocorrer a partir de abril. Neste ano, porém, não apenas a desvalorização do real estimulou a antecipação das exportações do produto, como também o aumento no preço externo³ e a excelente safra colhida pelo Estado impulsionaram as vendas antecipadas da soja gaúcha ao Exterior. Desse modo, aumentaram não só os preços como também a quantidade embarcada, o que elevou, substancialmente, as receitas com soja nos primeiros quatro meses de 2003. Além disso, a safra norte-americana de soja quebrou devido à seca, reduzindo os estoques mundiais do produto e levando a América do Sul (especialmente Brasil e Argentina) a suprir o aumento da demanda por soja, principalmente da China e do Oriente Médio.⁴

Apesar do bom desempenho das exportações do complexo soja, o assunto mais em pauta relacionado a esse setor foi a plantação de soja transgênica no Estado. Em relação ao comércio externo do RS, a polêmica sobre a transgenia relaciona-se principalmente com as possibilidades de comercialização dos produtos geneticamente modificados, se é mais vantajosa a exportação desses produtos, ou se é mais conveniente se manterem as exportações fundamentadas principalmente na soja convencional, cujo preço é mais alto nos mercados internacionais, por apresentar um custo de produção maior e porque há escassez desse tipo de soja. Isso ocorre porque os Estados Unidos, o maior produtor mundial dessa oleaginosa, têm, aproximadamente, 65% de sua área plantada ocupada por soja transgênica, e a Argentina, outro sojicultor de peso, possui praticamente 100% de suas lavouras de soja cultivadas com organismos geneticamente modificados (Saueressig, 2003, p. 7).

³ “Com a ajuda do câmbio e das boas cotações na Bolsa de Chicago, o produtor brasileiro recebe hoje pela soja os melhores preços registrados em época de colheita desde o início do Plano Real. Em dólar, as cotações são as mais altas desde 1998.” (Landim, 2003, p. B-10).

⁴ “Segundo analistas, dois fatores contribuem para fortalecer as cotações: os baixos estoques americanos e a aquecida demanda mundial. Com a menor produção de outras oleaginosas, aumentou a dependência do mundo por soja. Segundo o Departamento de Agricultura dos EUA, os estoques americanos estão em 4,5 milhões de toneladas — o menor patamar desde a safra 1996/97. De outro lado, a demanda mundial subiu de 184 milhões de toneladas em 2001/02 para 195 milhões.” (Landim, 2003, p. B-10).

Tabela 4

Valor e participação das exportações, por mercadorias,
do Rio Grande do Sul — jan.-abr./02 e jan.-abr./03

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR			PARTICI- PAÇÃO %	
		2002 (US\$ 1 000 FOB)	2003 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2002	2003
64	Outros calçados de couro natural	316 672	305 992	-3,37	19,78	14,76
24	Fumo não manufaturado total ou parcial e destalado em folhas secas, etc., tipo virgínia	118 644	173 533	46,26	7,41	8,37
02	Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, congeladas	47 553	67 215	41,35	2,97	3,24
02	Pedaços e miudezas, comestíveis de galos/ /galinhas, congelados ...	58 883	65 497	11,23	3,68	3,16
84	Outros motores a diesel/ /semidiesel, para veículos do Capítulo 87	47 794	64 778	35,54	2,99	3,12
12	Outros grãos de soja, mesmo triturados	128	56 524	44 201,78	0,01	2,73
15	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	27 612	53 136	92,44	1,72	2,56
23	Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	38 072	51 167	34,39	2,38	2,47
39	Outros polietilenos sem carga, densidade igual ou superior a 0,94, em formas primárias	24 904	39 589	58,97	1,56	1,91
24	Fumo não manufaturado ou parcial e destalado em folhas secas do tipo <i>burley</i>	16 978	36 269	113,63	1,06	1,75
84	Outras máquinas e aparelhos para colheita	13 096	30 757	134,86	0,82	1,48
87	Outros tratores	22 721	30 593	34,64	1,42	1,48
47	Pasta química de madeira de não coníferas a soda ou a sulfato, semibranqueada	22 511	29 769	32,24	1,41	1,44
99	Consumo de bordo – combustíveis e lubrificantes para embarcações	18 899	28 508	50,84	1,18	1,38

(continua)

Tabela 4

Valor e participação das exportações, por mercadorias,
do Rio Grande do Sul — jan.-abr./02 e jan.-abr./03

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALOR			PARTICI- PAÇÃO %	
		2002 (US\$ 1 000 FOB)	2003 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2002	2003
87	Carroçarias para veí- culos automóveis; transportam igual ou superior a 10 pessoas ou carga	29 711	27 284	-8,17	1,86	1,32
41	Outros couros/peles bovinos, secos, plena flor	11 192	26 310	135,08	0,70	1,27
87	Outras partes e aces- sórios para tratores e veículos automóveis	16 058	26 163	62,93	1,00	1,26
02	Outras carnes de suíno, congeladas	8 640	23 069	167,00	0,54	1,11
29	Benzeno	7 556	22 452	197,15	0,47	1,08
41	Outros couros bovinos, inclusive búfalos, divi- dido umid. plena flor	5 548	21 715	291,37	0,35	1,05
39	Polietileno sem carga, densidade inferior a 0,94, em forma pri- mária	17 497	21 375	22,16	1,09	1,03
39	Polietileno linear, den- sidade inferior a 0,94, em forma primária	7 704	20 855	170,69	0,48	1,01
	Subtotal	878 373	1 222 549	39,18	54,87	58,97
	Outros	378 422	1 194 932	215,77	23,64	57,63
	TOTAL	1 600 971	2 073 305	29,50	100,00	100,00

FONTE: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

A China, principal importador mundial de soja, a partir de 20 de abril de 2004, exigirá um certificado do país de origem informando se o produto é convencional ou transgênico.⁵ Embora a China, até o momento, venha comprando o produto transgênico, a exigência desse certificado pode ser vista como uma restrição ao uso de transgênicos, pois, caso não houvesse qualquer tipo de reserva em relação à transgenia, não haveria necessidade de exigir o certificado. Além disso, tanto a União Européia quanto o Japão mantêm restrição à soja transgênica, sendo mercados voltados, em sua maior parte, à soja convencional, embora esta apresente preços mais altos.

No centro-oeste brasileiro, a soja cultivada é predominantemente convencional. Diante das maiores exigências dos mercados externos e da abundância de soja geneticamente modificada à disposição no mercado internacional, o Rio Grande do Sul, ao trocar a soja convencional pela genética, não só cairia na vala comum dos mercados ofertantes de soja modificada, como perderia um apreciável nicho de mercado que é a soja convencional, cedendo espaço, junto aos países importadores, para a soja de outras regiões do Brasil.

Fumo

As exportações gaúchas de fumo e seus sucedâneos manufaturados (Capítulo 24 da NCM) registraram um aumento de 49,32% no período de janeiro a abril de 2003 em relação ao primeiro quadrimestre de 2002. Para os Estados Unidos — o maior mercado para o fumo do RS —, as vendas elevaram-se em quase 96% no período em análise, o que fez a participação norte-americana nas vendas desse produto pelo Rio Grande do Sul praticamente alcançarem os 23% contra os 17% obtidos nos primeiros quatro meses de 2002 (Tabela 3).

Mesmo com uma quebra de safra decorrente do excesso de chuva ocorrido ao final de 2002, as receitas de exportação elevaram-se devido ao aumento do preço no mercado internacional de fumo, tendo em vista uma demanda maior que a oferta. “A demanda anual de fumo no mundo este ano é de 6,4 milhões de toneladas, mas a produção é de apenas 5,1 milhões de toneladas.” (Cigana, 2003, p. B-12). Os dois principais concorrentes do fumo brasileiro (Estados Unidos e Zimbábue) vêm apresentando problemas na sua produção, abrindo mercado

⁵ A exigência desse certificado por parte da China já vem sendo anunciada há mais tempo. Tanto que, no início de 2002, diante da comunicação do Governo daquele país de que iria exigir o certificado a partir de março de 2002, houve uma paralisação da comercialização da soja gaúcha para a China. Mas o prazo foi prorrogado pelos chineses para dezembro de 2002; posteriormente, para setembro de 2003; e, agora, para abril de 2004.

para o produto nacional. No caso dos Estados Unidos, essa atividade vem encontrando dificuldades devido à elevação nos custos de produção, o que torna o produto norte-americano mais caro. Além disso, esse país vem reduzindo, gradativamente, a área cultivada com tabaco. Já no Zimbábue, a persistente crise política, econômica e social que assola o País tem levado a safras cada vez menores.

Internamente, alguns fatores também têm contribuído para facilitar a colocação do fumo brasileiro no Exterior: a qualidade do produto nas últimas safras, os preços competitivos, o volume da produção, a continuidade no abastecimento e o alto padrão do parque fabril fumageiro aqui instalado.

Entretanto é preciso atentar para o comportamento futuro do mercado de fumo, que poderá encolher, tendo em vista que, em maio de 2003, a assembléia da Organização Mundial de Saúde (OMS) aprovou, por unanimidade (192 países), a imposição de "(...) restrições drásticas na publicidade, *marketing*, patrocínio de eventos e venda de produtos de tabaco; advertências mais duras sobre seus malefícios, limites no uso de termos como 'baixos teores' e *light* nas embalagens e publicidade, e restrições a fumar em público, entre outras medidas" (TRATADO..., 2003, p. A-12).

Complexo carnes

O complexo carnes aqui apresentado é composto pelas carnes de aves, de suínos e de bovinos. Dentre essas três, merece destaque a exportação de aves, responsável por mais de 70% das vendas externas de carnes em geral pelo RS.

O maior mercado, por país, para a carne de frango exportada pelo Estado neste primeiro quadrimestre de 2003 foi a Rússia, seguida da Arábia Saudita, do Reino Unido, da Holanda e da Alemanha (Tabela 3). Entretanto o mercado russo deverá sofrer retrações, tendo em vista o regime de cotas imposto à carne de frango pelo Governo da Rússia, com base na média comprada entre 1999 e 2001 e com vigência a partir de 1º de abril de 2003. Como as exportações brasileiras de frango para esse país só se elevaram substancialmente em 2002, as cotas estabelecidas para o Brasil ficaram bem aquém do desejado, apesar das solicitações brasileiras para que o critério fosse revisto.

"A Rússia estabeleceu que vai importar este ano 704 mil toneladas de carne de frango e 1,050 milhão de toneladas em 2004 e 2005.

"No entanto, o Brasil terá apenas 33 mil toneladas deste volume, o que representa cerca de 11% do total exportado no ano passado, quando o Brasil embarcou 295,9 mil toneladas de frango à Rússia,

segundo dados da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango (Abef)." (Ueda, 2003, p. A-5).

Diante desse quadro, os importadores russos apressaram-se em sua decisão de comprar frango do Brasil, visto que esse produto tem preços bem mais competitivos do que os de outros países, cujas cotas são maiores. Assim, de janeiro a abril de 2003, as exportações de aves do RS para a Rússia aceleraram-se. Daqui para a frente, porém, é esperada uma retração nos negócios.

Outro fator que estimulou as exportações de frango gaúcho nos primeiros quatro meses de 2003 foi a perspectiva de guerra no Iraque. Grande parte da demanda por esse produto partiu do Oriente Médio, especialmente até março, pois os países dessa região estavam aumentando seus estoques de alimentos frente à perspectiva da guerra iminente. Já na União Européia, o mercado esteve mais restritivo devido à decisão da Comissão Européia de testar 100% das cargas brasileiras de frango para verificar a presença do antibiótico nitrofurano. Este, apesar de ter seu uso proibido no Brasil desde maio de 2002, continuou a revelar traços de sua presença nas análises feitas pelos europeus, o que vem prejudicando as vendas do frango brasileiro na Europa. A União Européia também decidiu aumentar as alíquotas de importação de cortes salgados de frango, de 15,4% para 75%, o que viria em prejuízo das exportações desse produto pelo Brasil. Contudo, até o momento, essa medida ainda não foi posta em prática pela Alemanha, grande importadora desse tipo de corte de frango e que, por isso, tem resistido à medida. Mas, a partir de agosto deste ano, a decisão dos europeus deve entrar em vigor.

Em relação às exportações de carne suína pelo RS, houve um aumento nas receitas de 167%, conforme pode ser visto na Tabela 4, e a Rússia tem sido o principal mercado para essa mercadoria oriunda do Estado (Tabela 3). Nos primeiros meses de 2003, o RS ocupou o espaço de Santa Catarina nos embarques de carne suína para a Rússia, já que as vendas do estado vizinho estavam suspensas desde o final de dezembro de 2002, devido à doença de Aujeszky. Entretanto, ao final de maio de 2003, foi notificado um caso dessa doença no RS, fato que levou o Ministério da Agricultura a suspender as exportações gaúchas de suínos para a Rússia, o que poderá representar pesadas perdas para as exportações de carne suína pelo Estado nos próximos meses, já que a essa dificuldade soma-se a imposição de cotas pela Rússia também para a carne suína.

Máquinas e caldeiras

O Capítulo 84 da NCM abrange reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos. Dentro desse capítulo, as principais mercadorias exportadas pelo Estado, no primeiro quadrimestre de 2003, foram motores a diesel e máquinas e aparelhos para colheita (colheitadeiras).

Os motores a diesel tiveram um aumento de 35,54% em suas vendas para o Exterior, elevando sua participação nas vendas totais do Estado de 2,99% para 3,12% (Tabela 4). O mercado está praticamente centralizado nos Estados Unidos, responsáveis por 95,58% das exportações desse produto pelo RS, sendo que, no primeiro quadrimestre de 2002, essa participação foi ainda maior (99,52%).

Mas as grandes vedetes dentre as mercadorias exportadas pelo Estado incluídas no Capítulo 84 foram as colheitadeiras agrícolas, com um incremento de 135% e um acréscimo na participação das vendas totais do RS, passando de 0,82% entre janeiro e abril de 2002 para 1,48% em igual período de 2003. A Argentina sempre foi um grande comprador de máquinas agrícolas do RS, e a retomada das vendas para esse país pode explicar o bom desempenho das exportações de colheitadeiras (Tabela 3).

Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios

No primeiro quadrimestre de 2003, o comportamento das exportações do Capítulo 87 da NCM pelo RS pode ser considerado bastante modesto (aumento de 7,54% em relação aos primeiros quatro meses de 2002) quando comparado aos demais, conforme pode ser visto na Tabela 2. Em relação aos tratores, à semelhança do que ocorreu com as colheitadeiras, o impulso foi dado pelo aumento das vendas para a Argentina, também se registrando um forte incremento nas exportações de tratores para a África do Sul (Tabela 3).

Já as carrocerias para ônibus, também incluídas no Capítulo 87, tiveram uma queda de 8,17% em suas exportações no período em análise, por conta da retração de suas vendas para o México.

Produtos petroquímicos

Dois capítulos da NCM compõem o item produtos petroquímicos: plásticos e suas obras (Capítulo 39) e produtos químicos orgânicos (Capítulo 29).⁶

As exportações do Capítulo 39 pelo Rio Grande do Sul entre janeiro e abril de 2003 elevaram-se substancialmente (67,47%) em comparação com igual período de 2002, graças à retomada das vendas para a Argentina, as quais aumentaram 276% no período analisado. Em 2002, as vendas de plásticos pelo Estado para o país vizinho haviam caído mais de 80% em relação a 2001 e agora estão sendo retomadas. Dentre as mercadorias que compõem esse capítulo, o RS exporta, principalmente, polietileno, em suas diversas formas (Tabela 4).

Em relação ao Capítulo 29, o crescimento foi ainda maior (94,44%), destacando-se o aumento nas vendas para os Estados Unidos (138%) e a Argentina (104%). Só esses dois países representaram 83% do mercado externo para produtos petroquímicos orgânicos gaúchos. O benzeno é a principal mercadoria do Capítulo exportada pelo Estado, tendo apresentado um aumento de 197% em suas vendas nos primeiros quatro meses de 2003, conforme pode ser observado na Tabela 4.

Com a recuperação da economia argentina, espera-se que as exportações de produtos petroquímicos pelo Estado mantenham, nos próximos meses, o bom desempenho apresentado nesse primeiro quadrimestre de 2003.

Couros

As exportações gaúchas de couros e peles⁷ (Capítulo 41 da NCM) nos primeiros quatro meses de 2003 apresentaram um aumento de 27,95%, e os principais mercados para seus produtos foram Itália, Hong Kong, Estados Unidos, China e Cingapura, sendo que este último teve um incremento de 104% em suas compras de couro gaúcho no período. Até há algum tempo atrás, os principais mercados para o couro gaúcho eram a Europa e os Estados Unidos,

⁶ Os produtos petroquímicos são bastante diversificados. Os polietilenos, polipropilenos, PVC e PET são termoplásticos utilizados em sacolas de supermercados, em filmes para embalagens e em utilidades domésticas. O eteno, o propeno, os aromáticos, os solventes e os combustíveis são usados como insumos básicos. Cloro e soda incluem-se entre os químicos e derivados. Já o cicloexano, o caprolactama e o DMT são produtos químicos intermediários, empregados na fabricação de *nylon* (LÍDER ..., 2003, p. 21).

⁷ São quatro os tipos de couro exportado: salgado, *wet blue*, semi-acabado e acabado, com destaque para as exportações de *wet blue* e acabado.

mas, ultimamente, os países asiáticos vêm aumentando suas compras desse produto junto aos exportadores do RS e, com isso, elevando a importância do Oriente nas vendas de couro ao Exterior pelo Estado. Os cinco principais compradores de couro do RS representaram 70% do total das vendas externas do produto pelo Rio Grande do Sul, sendo que três deles são países asiáticos e, juntos, participaram com 34% do total (Tabela 3). Todavia, com a valorização do euro na Europa, espera-se um aumento mais significativo nas vendas de couro para essa região.

Móveis

As exportações gaúchas de móveis (Capítulo 94 da NCM) nos primeiros quatro meses de 2003 elevaram-se em 23,36%. Embora positivo, esse resultado ficou abaixo do crescimento das exportações totais do Estado, o que levou a uma ligeira queda na participação do setor nas vendas externas do RS (Tabela 2). Os principais mercados continuaram a ser os Estados Unidos e o Reino Unido, que, juntos, absorveram 50% do total de móveis exportados pelo RS. Os Emirados Árabes Unidos tiveram um aumento expressivo (460%) em suas compras, assim como a Irlanda (440%), a Jamaica (281%) e Cuba (269%).⁸

A Argentina voltou ao mercado com mais disposição após o revés econômico em que mergulhou, e suas compras de móveis gaúchos cresceram 123% no período em análise. Entretanto, devido à desvalorização do peso, dificilmente esse país voltará, no curto prazo, a ocupar a posição de destaque antes ocupada entre os compradores de móveis do RS. Se as vendas gaúchas para o país vizinho já representaram um percentual significativo para o Capítulo 94 da NCM, atualmente mal passam dos 2%.

⁸ No caso dos Emirados, esse país funciona como um importante entreposto para vários países pertencentes ao mercado árabe. Além disso, tem havido um esforço por parte dos exportadores de móveis em vender para os países árabes. Assim, não só os móveis têm sido levados para feiras locais, como potenciais importadores têm vindo para conhecer as fábricas brasileiras.

Tabela 5

Valor e participação das exportações, por países, do
Rio Grande do Sul — jan.-abr./02 e jan.-abr./03

DISCRIMINAÇÃO	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2002 (US\$ 1 000 FOB)	2003 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	2002	2003
Estados Unidos	540 160	602 051	11,46	33,74	29,04
Argentina	47 788	143 603	200,50	2,98	6,93
Alemanha	58 387	85 104	45,76	3,65	4,10
Rússia.....	28 198	68 685	143,58	1,76	3,31
Itália	48 020	67 622	40,82	3,00	3,26
Reino Unido	67 434	66 732	-1,04	4,21	3,22
Espanha	35 775	62 223	73,93	2,23	3,00
Chile	48 908	61 544	25,83	3,05	2,97
Irã	28 585	57 597	101,50	1,79	2,78
Países Baixos (Holan- da)	41 787	56 499	35,21	2,61	2,73
México	46 554	44 192	-5,07	2,91	2,13
China	22 760	44 119	93,84	1,42	2,13
Hong Kong	29 189	40 340	38,20	1,82	1,95
África do Sul	34 895	32 599	-6,58	2,18	1,57
Turquia	9 449	31 209	230,30	0,59	1,51
Provisão de navios e aeronaves.....	19 648	30 333	54,38	1,23	1,46
Japão	32 244	29 748	-7,74	2,01	1,43
Paraguai	29 983	29 245	-2,46	1,87	1,41
Arábia Saudita	16 506	28 699	73,87	1,03	1,38
Uruguai	36 139	27 797	-23,08	2,26	1,34
Bélgica	23 607	25 140	6,49	1,47	1,21
Canadá	17 134	19 959	16,49	1,07	0,96
Subtotal	1 263 150	1 655 040	31,02	78,90	79,83
Outros	337 821	418 265	23,81	21,10	20,17
TOTAL	1 600 971	2 073 305	29,50	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 6

Valor das exportações, por blocos, do Rio Grande do Sul — jan.-abr./02 e jan.-abr./03

BLOCOS	VALOR		Δ%
	2002 (US\$ 1 000 FOB)	2003 (US\$ 1 000 FOB)	
Área de Livre Comércio das Américas (ALCA)	889 326	1 037 492	16,66
Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA)	603 849	666 202	10,33
União Européia (UE)	324 998	412 674	26,98
Associação Latino-Americana de Integração (ALADI)	295 046	374 844	27,05
Ásia (exclusive Oriente Médio)	142 233	225 850	58,79
Mercado Comum do Sul (Mercosul)	113 910	200 646	76,14
Aladi (exclusive Mercosul)	181 136	174 198	-3,83
Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP)	107 238	141 870	32,29
Orientes Médio	76 842	129 874	69,01
Europa Oriental	57 480	109 465	90,44
Tigres Asiáticos	55 491	89 489	61,27
Comunidade dos Estados Independentes (CEI)	34 786	76 580	120,15
Liga Árabe	46 069	72 077	56,45
Comunidade Andina das Nações ...	81 403	63 906	-21,49
África (exclusive Oriente Médio)	52 643	63 403	20,44
Demais países da Europa Ocidental	14 025	38 500	174,52
Mercado Comum Centro-Americano (MCCA)	15 024	21 211	41,18
Oceania	11 194	12 999	16,12
Demais países da América Latina ..	14 497	11 490	-20,74
Associação Européia de Livre Comércio (AELC)	5 285	5 997	13,49
Comunidade e Mercado Comum do Caribe (CARICOM)	3 422	4 908	43,45
Demais países da América	3 809	2 911	-23,56
Total do Rio Grande do Sul	1 600 971	2 073 305	29,50

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

Considerações finais

De modo semelhante ao que deve ocorrer com as exportações brasileiras, as exportações do Rio Grande do Sul deverão ter um desempenho apenas razoável no segundo semestre de 2003, sendo favorecidas especialmente aquelas empresas que exportam *commodities*. A alta nas vendas deverá dar-se pelo setor agrícola, pela recuperação da economia argentina e pela perspectiva das vendas para novos mercados. Mas o fantasma da recessão internacional deverá continuar assombrando, e, mais do que a tão criticada valorização do real, é o encolhimento de mercados importantes como o dos Estados Unidos e o da Europa que poderá frear o impulso expansivo das exportações gaúchas.

Referências

BOLETIM FUNCEX DE COMÉRCIO EXTERIOR. Rio de Janeiro: FUNCEX, v. 7, n. 2, fev., 2003.

BOLETIM FUNCEX DE COMÉRCIO EXTERIOR. Rio de Janeiro: FUNCEX, v. 7, n. 4, abr., 2003a.

CIGANA, Caio. Briga entre indústria e produtor de fumo. **Gazeta Mercantil**. São Paulo, p. B-12, 30 maio, 2003.

FREITAS, Jânio de. Dólar, ida e volta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. A-5, 30 abr., 2003.

FURLAN anuncia crédito a exportador. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. B-7, 10 abr., 2003.

LANDIM, Raquel. Cotação da soja é a mais alta desde 94. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B-10, 26 mar., 2003.

LÍDER em termoplásticas na América Latina fatura R\$ 8 bilhões por ano. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 21, 06 maio, 2003.

NEWMANN, Denise. Governo aposta na diversificação de mercados e produtos. **Valor Econômico**, São Paulo, p. F-5, 30 abr.-01 maio, 2003.

ROLAGEM de instrumentos cambiais. **Focus**, Brasília: BACEN, 26 maio, 2003. Disponível em:

<http://www4.bcb.gov.br/gci/Focus/M20030526-rolagem%20de%20Instrumentos%20Cambiais.pdf>

Acesso em: 28/05/2003.

SAFATLE, Cláudia. Negócios caem após alteração no CCR. **Valor Econômico**, São Paulo, p. A-4, 15 maio, 2003.

SAUERESSIG, Denise. Quem consome esta soja? **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 7, 24 mar., 2003.

TARABORELLI, Alessandra. Financiamento ao comércio exterior chegará a US\$ 7 bi. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. B-1, 19 maio, 2003.

TRATADO busca conter indústria do fumo. **Valor Econômico**, São Paulo, p. A-12, 22 maio, 2003.

UEDA, Daniela. Rússia pode reavaliar compra de aves e suínos. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. A-5, 21 maio, 2003.

WELTER, Martiane. Queda do dólar afeta empresas gaúchas. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 8, 12 maio, 2003.